

**TODO DIA A MESMA NOITE: A HISTÓRIA NÃO  
CONTADA DA BOATE KISS**

FELIPE VIERO KOLINSKI MACHADO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG)  
BELO HORIZONTE, MG, BRASIL  
E-MAIL: FELIPEVIERO@GMAIL.COM

## **TODO DIA A MESMA NOITE: A HISTÓRIA NÃO CONTADA DA BOATE KISS**

ARBEX, Daniela. **Todo dia a mesma noite**: a história não contada da boate Kiss. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018.

A fr Daniela Arbex, jornalista formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), é repórter especial do jornal Tribuna de Minas e autora dos premiados livros – reportagem *Holocausto Brasileiro* (Geração Editorial, 2013) e *Cova 312* (Geração Editorial, 2015). *Holocausto Brasileiro* rendeu à autora os prêmios de melhor livro – reportagem, pela Associação Paulista de Críticos de Arte, e o segundo lugar, como melhor livro – reportagem, no Prêmio Jabuti, além de ter sido adaptado, como documentário, pela HBO. *Cova 312*, por sua vez, lhe rendeu, em 2016, o primeiro lugar como livro – reportagem no Prêmio Jabuti.

Em *Todo dia a mesma noite*, Arbex volta sua atenção aos acontecimentos que, em vinte e sete de janeiro de 2013, dilaceraram o país e lançaram luzes sobre a tragédia ocorrida em Santa Maria, a qual vitimou fatalmente duzentas e quarenta e duas pessoas. Ao longo das duzentas e quarenta e oito páginas, Arbex convida seus leitores a acompanharem, cena a cena, e a partir dos trajetos, dos sentimentos e dos olhares variados das múltiplas personagens atingidas pelo evento, o incêndio da boate Kiss, a segunda maior tragédia do Brasil, desse tipo, em número de vítima fatais.

A capa e a contra – capa da obra são cinzas, assim como cinza era a fumaça tóxica que, para além do fogo, atingiu quem estava na Kiss naquela noite. O verso da capa e da contra – capa, por sua vez, é preto e traz, em letras brancas, o nome de todas e de todos que faleceram em decorrência do incêndio. Ao passo que quem lê o livro vai conhecendo um pouco de quem foi engolido pelo fatídico acontecimento, a leitora e o leitor podem, antecipar-se, e buscar, na lista de vítimas, o desfecho daquelas narrativas que, progressivamente, costuram as histórias até então não contadas ou, ao menos, não contadas da forma como o faz Arbex. E, é desde então, que se torna possível, ainda que distantemente, compreender, e sentir, um pouco do que aconteceu ali.

Para além do prefácio, escrito pelo jornalista Marcelo Canellas, de uma parte destinada aos agradecimentos e de algumas fotografias as quais, ao final, complementam a história, o livro organiza-se mediante dezesseis se-

ções que mostram, de forma pungente, os motivos pelos quais aquela noite nunca teria, de fato, terminado. Arbex aproxima-se, de modo muito potente, de autores já clássicos daquilo que se compreende como New Journalism e investe em uma série de técnicas já consolidadas em textos de Truman Capote e Gay Talese, por exemplo. A construção da história cena a cena, a reconstituição dos diálogos e o fluxo da consciência, enfim, são algumas delas.

Ainda que cada uma dessas dezesseis seções traga um aspecto central, as histórias entrecruzam-se em um complexa trama que, mediante leitura, vai sendo descortinada. A partir dessas páginas acompanham-se diferentes momentos que, juntos, compõem o mosaico que, na verdade, é a história como um todo: o socorrista que, na madrugada, foi acordado com informações sobre o incêndio; A mãe que, mediante suspeita de que a filha estaria entre as vítimas (suspeita que, depois, viria a se confirmar), ponderou que sua única saída seria o suicídio; O médico que, também sendo pai, precisou entubar o filho que tinha os pulmões queimados; Os pais que, depois de terem sido informados de que a filha estava em um leito do hospital, reconheceram seu corpo no Centro Desportivo Municipal; O médico que, ficando responsável pela remoção de feridos para Porto Alegre, precisou não apenas conseguir meios de transporte aéreo, junto ao exército, como deliberar sobre o local de decolagem em Santa Maria (campo de futebol da Brigada Militar) e de aterrissagem em Porto Alegre (Parque da Redenção).

Dentre as histórias até então não contadas, o devastador livro de Arbex aborda, também, episódios como a exploração comercial da tragédia (na forma de caixões que eram vendidos com preços elevados e de fotografias que eram, de modo clandestino, vendidas à imprensa), o desenvolvimento de um discurso que, com base religiosa, responsabilizou os pais pelas mortes de seus filhos e, ainda, o processo, movido contra alguns dos pais das vítimas, por representantes do Ministério Público. A grande reportagem, igualmente, realiza uma fundamental denúncia: ao apontar uma série de irregularidades, Arbex, explicita como uma série de problemas, à época tão comuns a tantas outras casas noturnas como Kiss, foram fundamentais para esse trágico desfecho.

A narrativa, imersiva, complexa e visceral, definitivamente não é acompanhada de forma distanciada. Trata-se de uma constelação de episódios que, mesmo dolorosos, não podem, de um ponto de vista humano, social e político, cair no esquecimento. E, parece, que essa é uma das principais

missões dessa excepcional e necessária reportagem.

## **Felipe Viero Kolinski Machado**

Bolsista de pós-doutorado (PDJ/CNPq) junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG e professor substituto do curso de jornalismo da UFOP. É jornalista pela UFSM e mestre e doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS.

E-mail: felipeviero@gmail.com.